

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIBIC/UNICEUB**

**O ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS E A INSERÇÃO DA
PROBLEMÁTICA AMBIENTAL**

**ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA INÊS MALTA CASTRO
BOLSISTA: TAYENE RESENDE**

**BRASÍLIA
2º SEMESTRE DE 2006**

SUMÁRIO

1. Apresentação	01
2. Metodologia	07
3. Desenvolvimento de Pesquisa	09
4.1. Respostas dos Alunos	19
4. Considerações	
Finais	26
5. Fontes	29
6. Referências	
Bibliográficas	29
7. Anexos	31

1. APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 2005 foi desenvolvido, no programa PIBIC do UniCEUB, o projeto *A temática ambiental em livros didáticos de história do Brasil*, voltado para a análise de livros didáticos de História do Brasil dirigidos para o ensino fundamental e médio, privilegiando-se os períodos coloniais e imperiais. Buscou-se ressaltar nessa pesquisa a forma como seus autores incorporam a dimensão ambiental no conhecimento histórico que veiculam, identificando assim, quais têm sido os principais temas eleitos pelos autores que tratam dos períodos colonial e imperial, ao introduzirem, explícita ou implicitamente, a dimensão ambiental em suas pesquisas.

Na referida pesquisa partimos do pressuposto que o ensino de história e os materiais didáticos comumente utilizados pelos professores são fundamentais no processo de construção de idéias a respeito da história do Brasil, que circulam não apenas entre os alunos, mas são essenciais naquilo que se pode denominar senso comum sobre a nossa história. Logo, analisar como esses materiais estão sendo constituídos representa saber como a história está sendo encarada e quais noções de respeito e cidadania estão sendo transmitidas à sociedade.

Embora desde 1998 a questão ambiental esteja presente nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),¹ prevendo-se sua inclusão nos currículos escolares, as conclusões da pesquisa sobre os livros didáticos apontam no sentido da limitada inserção da questão nesse material. As abordagens mais comuns nos livros didáticos analisados na pesquisa revelam o pouco espaço dedicado a considerações relativas aos processos históricos em sua interseção com o ambiente natural, o que impede que o aluno estabeleça relações entre os problemas ambientais contemporâneos e a história.

Pode-se perceber que, seguindo parte da orientação expressa nos Temas Transversais, os autores dos livros didáticos de história têm incorporado, de maneira mais enfática, temas como ética e diversidade cultural, reservando um espaço menor à questão ambiental, que é relegada a outras disciplinas como geografia e ciências. A temática ambiental é encarada quase que unicamente sob a ótica da degradação, ressaltando-se sempre o processo de destruição do ambiente natural

¹ Os Temas Transversais incluem ainda ética, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*, Brasília: MEC/ SEF, 1998.

pelos colonizadores portugueses e a herança de uma mentalidade predatória deixada para os brasileiros.

Percebe-se, na pesquisa realizada, que a natureza praticamente não é considerada ou, quando o é, aparece apenas como pano de fundo para explicar algum ciclo econômico e não como algo que mereça maiores atenções, relacionando-a com a história e com a realidade vivida pelos alunos, criando, assim, novas atitudes em relação ao meio ambiente. Como afirma Bizerril, os livros didáticos “devem despertar atitudes éticas e afetivas, fazendo com que os estudantes sintam-se como habitantes” do meio em que vivem.²

A partir da análise feita nessa pesquisa, surgiram novas e mais abrangentes questões que estarão sendo trabalhadas nesse projeto, relativo não só à produção dos livros didáticos, mas, e principalmente, voltado para a análise do modo como o conhecimento sobre a história ambiental está sendo difundido no espaço escolar.

Deve-se indagar como tem sido a prática pedagógica em relação à questão ambiental, em especial na disciplina história. Os professores trabalham efetivamente com a inserção da temática ambiental nas aulas da história? Caso a resposta seja positiva, de que forma os docentes estão trabalhando as questões ambientais em sala de aula? E como os alunos estão recebendo essas diferentes orientações no ensino de história?

Foi partindo dessas questões que se estabeleceu o objetivo dessa pesquisa, que é analisar a prática dos professores de história do ensino fundamental e médio, verificando a inserção ou não da temática ambiental no ensino de história e em outras atividades pedagógicas realizadas na escola. Procurou-se analisar os principais temas eleitos por eles, examinando-se os principais problemas postos na prática quando se trata de incorporar a dimensão ambiental no ensino de história.

Espera-se contribuir para ampliar e aprofundar o debate em torno das questões ambientais encaradas a partir de uma perspectiva histórica, de modo a permitir a difusão do conhecimento sobre a história ambiental no espaço escolar. O deslocamento da pesquisa para a análise da prática dos professores e de como eles utilizam os livros e outros materiais didáticos poderá servir de ponto de partida para novas atitudes dos professores e das instituições educacionais no que diz respeito à inserção da questão ambiental.

² Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril, O cerrado nos livros didáticos de geografia e ciências. *Ciência Hoje*, vol. 32, n. 192, 2003, p. 60.

Porém antes de sabermos como a atual prática dos professores está sendo desenvolvida em sala de aula, far-se-á um breve comentário sobre a história do ensino de história no Brasil. Pois esse se torna importante na medida em que os projetos educacionais interferem tanto na produção dos recursos didáticos quanto na própria atividade docente.

No período colonial, a educação escolar no Brasil foi marcada pela atuação da Companhia de Jesus, aqui chegada em 1549 com o Padre Manuel da Nóbrega³. A educação no período colonial tinha suas bases no controle da escolarização formal, a fim de formar clérigos e leigos com forte orientação religiosa. A coroa portuguesa quase não influenciava nesse processo, salvo na ocasião de impedir a criação de universidades no Brasil, com o intuito de garantir uma hegemonia territorial e intelectual dependente de Portugal.

Entretanto, durante o governo do Marquês de Pombal (1750-1777) o Estado Português, influenciado pelo Iluminismo, compreendeu o papel da educação no processo de modernização e de desenvolvimento. Esses ideais estiveram profundamente ligados às idéias de progresso, de civilização, de humanidade e de crença nas leis e na justiça como promotora do bem-estar e da felicidade dos homens. A conquista da civilização deveria ocorrer pela aplicação sistemática de princípios racionais, por meio do planejamento e do estudo. A perpetuação dessa civilização deveria se fazer, então, pela educação, que ocuparia lugar central neste pensamento, como o valor instrumental supremo da política ilustrada. O Estado deveria, por isso, assumir o seu controle, definindo diretrizes e controlando ações por meio da padronização de currículos e do uso de livros e manuais escolares. Essas reformas, que previam ainda a laicização do ensino, culminou na expulsão dos jesuítas de todo o império, em 1759.⁴

Muito pouco do preconizada nessa política iluminista para a educação foi feito no Brasil, colônia na qual o processo educacional revelou-se profundamente fragmentado pelo sistema de aulas avulsas, restritas a poucos. Há ainda que se levar em conta as dificuldades decorrentes da falta de recursos, de professores e de material.

Na reforma pombalina, a História aparecia mais definida para os estudos superiores, da universidade de Coimbra, como “propedêutica indispensável aos

³ Thais Nivia de Lima e Fonseca, *História e ensino de história*. 2003, p. 37.

⁴ Idem, p. 40.

estudos humanísticos, filosóficos, jurídicos e teológicos”, e como “subsídio da jurisprudência”.⁵ Embora com destaque adicional, ela ainda não se constituía automaticamente como disciplina escolar na estrutura educacional do império português.

A inserção da História como disciplina escolar no Brasil, com objetivos originados da produção científica e dotada, para seu ensino, de método pedagógicos próprios, ocorreu após a independência, no processo de estruturação de um sistema de ensino para o Império. Durante as primeiras décadas do século XIX surgiram vários projetos educacionais que, em se tratando da organização e do currículo, abordavam o ensino de História, incluindo a “História Sagrada”, a “História Universal” e a “História Pátria”.⁶

No entanto a necessidade de modernização, implicava o envolvimento de setores mais amplos da população, não apenas pela via econômica, mas também pela via da educacional. O pensamento do século XIX definia o papel da educação no sentido da formação do cidadão produtivo e obediente às leis. Sendo assim a formação dos cidadãos passaria pela estrutura educacional controlada pelo Estado em seus pressupostos educacionais, em seus programas e em seus currículos. A instrução elementar apareceu como uma possibilidade, à medida que, abrindo-se para as camadas mais baixas, poderia atuar na conformação social e cultural, um mecanismo de controle que o Estado detinha.

Outra questão que o Estado brasileiro debateu durante o curso de século XIX é a questão da identidade nacional, pois o país se tornou independente, mas continuava carente de uma fisionomia própria. E o Estado, valendo-se dessa prerrogativa, teve na educação seu principal esteio para a transmissão de nacionalidade, sobretudo na disciplina História.

Essa questão foi amplamente discutida pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, que tinha a missão de elaborar uma história nacional e de difundi-la por meio da educação, mais precisamente pelo ensino de História. Foi nessa ocasião que se realizou um concurso sobre o melhor plano para se escrever a História do Brasil em que o alemão Karl Philipp Von Martius saiu

⁵ Laerte Ramos de Carvalho, *As reformas pombalinas da instrução pública*, apud Thais Nivia de Lima e Fonseca, *História e ensino de história*, 2003, p. 42

⁶ Thais Nivia de Lima e Fonseca, *História e ensino de história*, 2003, p.42-43.

vitorioso. Seu trabalho passou para as salas de aulas por meio de programas curriculares e dos manuais didáticos, em geral escritos pelos sócios de Instituto.⁷

A constituição da História como disciplina escolar no Brasil teve, portanto, um caráter eminentemente político e nacionalista. A consolidação de planos de estudos só ocorreu a partir do momento em que o Colégio Pedro II, criado em 1837, instituiu seus programas curriculares, introduzindo, a partir de 1838, o ensino de História ao longo de suas oito séries.⁸ O Colégio Pedro II era considerado modelo para as demais escolas o que acarretava a imposição de seus currículos sobre as demais escolas.

Em linhas gerais, essas orientações foram seguidas até a primeira metade do século XX. Nas décadas de 1930 e 1940 ocorreu uma reforma no sistema de ensino, quando a política educacional ficou centralizada no recém criado Ministério da Educação. Pode-se afirmar que a partir de então o ensino de História situou-se no centro das propostas de formação da unidade nacional, consolidando, definitivamente, a história como disciplina escolar. Com essa medida retirava-se das escolas a autonomia para a elaboração dos programas, que passaram a ser de competência exclusiva do Ministério.

Com o golpe militar, em 1964, o ensino de História não sofreu grandes mudanças. Houve um aprofundamento de algumas características já presentes no ensino de História na escola de nível fundamental e médio do país, tendo permanecido a herança tradicional. Isso significa que as diretrizes norteadoras permaneceram enfatizando os fatos políticos e as biografias dos “brasileiros célebres”.⁹ A história dos grandes heróis adequava-se aos interesses do Estado autoritário, em especial ao apresentar uma sociedade hierarquizada, sem espaços para a interpretação e a análise crítica. Nesta concepção a disciplina é fruto da ação dos “grandes homens”, cultuados e glorificados como os únicos sujeitos históricos, algo pronto e acabado, o que destrói a concepção de que todas as pessoas são agentes da história.

Com o fim do período militar, entra-se num processo de redemocratização, com o advento das novas possibilidades de se pensar a realidade brasileira, o que levou à necessidade de se promover mudanças no ensino de História. Se até então

⁷ Idem, p. 46.

⁸ Idem, p. 48.

⁹ Idem, p. 55 e 56.

a história ensinada nas escolas voltara-se fundamentalmente para a formação do cidadão-súdito, passou-se a considerar a necessidade de um ensino de história que pudesse formar um cidadão participante, capaz de atuar em sua sociedade e de pensar soluções para seus problemas.¹⁰

Novos programas e novas propostas metodológicas foram formulados para o ensino dessa disciplina para o ensino fundamental e médio. As mudanças propunham um ensino de História voltado para a análise crítica da sociedade brasileira, reconhecendo seus conflitos e abrindo espaço para as classes menos favorecidas como sujeitos da História.

Definindo esses princípios e partindo da noção de que os homens fazem a História e são produtores de seu próprio conhecimento histórico, os novos programas procuraram ressaltar a necessidade de um processo de ensino/aprendizagem tendo como alicerce a variedade de novos temas e novas fontes, assim como o cotidiano escolar e a interação entre alunos e professores.

A disciplina escolar História certamente não é mais a mesma desde o seu início no século XIX, embora ainda persistam alguns elementos de sua origem, alguns ligados à prática de ensino e outra à defasagem entre as novas concepções historiográficas e sua incorporação nos livros didáticos. Mas é preciso considerar as grandes mudanças na estrutura e no perfil da disciplina, relacionados às transformações na própria historiografia, na formação dos professores e na política de ensino, em especial de História.

As escolas, com raríssimas exceções carecem de boas bibliotecas, mas, sobretudo de práticas pedagógicas que estimulem o debate, a investigação e a criação. Esses espaços estão servindo para uma simplificada e fragmentada transmissão de uma outra versão historiográfica que acaba, muitas vezes, impondo-se como sendo a verdadeira história sobre determinados temas.

Essa medida vai contra um dos princípios da História que é a concepção da história como sendo um estudo da experiência humana no passado e no presente, buscando compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a suas sociedades, através do tempo e do espaço. Essa concepção permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante

¹⁰ Cf. Christian Laville, *A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. Revista Brasileira de História*, 1999.

processo de transformação, um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens. Assim sendo seu estudo proporciona o entendimento do mundo em que vivemos e também daquele em que gostaríamos de viver.¹¹

2. METODOLOGIA

Para saber se as questões ambientais são trabalhadas nas escolas ou, se trabalhadas, a forma com que elas são desenvolvidas pelos professores, o trabalho foi realizado em três etapas concomitantes. A primeira foi dedicada aos alunos da 5ª ou 6ª série do ensino fundamental de diferentes escolas, sendo elas públicas ou particulares, do Distrito Federal, com aplicação de questionários.¹² Na segunda etapa da pesquisa, foi utilizado o questionário como fonte de pesquisa, mas também foram realizadas entrevistas para detectar como os professores de história ministram suas aulas, quais os materiais didáticos que utilizam, qual o livro que usam e como fazem uso desse recurso.

A terceira, e última, etapa centrou-se na observação de algumas aulas de história para termos uma noção se o professor realmente trabalha os temas transversais, em especial o meio ambiente, e de como isso é feito. É fato bastante conhecido que a mente humana é altamente seletiva, logo, um professor pode ou não trabalhar, em suas aulas, com diversos temas e problemáticas. Entretanto, diante de uma pesquisa, em especial em respostas a questionários e entrevista, pode tender a responder de forma a atender às expectativas do pesquisador, deixando de revelar elementos e questões importantes e destacando outras.

Para que a observação tivesse caráter científico e fosse feita da forma mais objetiva possível, foi lido o texto de Neuza Ludke, intitulado *Pesquisas em Educação: abordagens quantitativas*. Sobre a observação em sala de aula, a autora alerta que é preciso tomar cuidado com as interpretações, pois a simples presença do pesquisador pode provocar alterações no ambiente ou no comportamento das

¹¹ Selva Guimarães Fonseca, *Didática e prática de ensino de história*, 2003, p. 40.

¹² Os questionários, tanto para os professores como para os alunos, estão anexos neste relatório de pesquisa.

pessoas observadas, além de representar uma interpretação pessoal do observador. Sendo assim o pesquisador deve utilizar uma série de outros meios, tais como a análise do plano de aula, do plano pedagógico, de provas, trabalhos e outros, para verificar se a intensidade das alterações e se seu envolvimento está levando a uma visão parcial e tendenciosa do fenômeno observado.

Estes três instrumentos constituíram a principal fonte de pesquisa desse projeto, juntamente com uma análise documental, de instrumentos como o plano de ensino do professor, diário de classe, provas e projeto pedagógico das escolas envolvidas. Também foram analisados os *sites* das escolas, principalmente daquelas que não forneceram nenhum tipo de documento.

Para a análise das respostas dos alunos e dos professores foi realizado, inicialmente, um mapeamento da escola e dos planos pedagógicos e de aula dos professores, em especial dos de história.

É importante ressaltar que a pesquisa tem como finalidade trabalhar com o mesmo número de escolas públicas e particulares e em localidades diferentes, verificando assim a metodologia e os recursos que elas dispõem para que o professor possa transmitir o conteúdo a seus alunos e ressaltar nos mesmos a importância do respeito ao próximo e ao meio onde vivem. Foram escolhidas três escolas públicas situadas em Ceilândia, Plano Piloto e Guará e três particulares localizadas no Plano Piloto, Águas Claras e Ceilândia.

Depois de algumas reuniões com a orientadora da pesquisa, ficou estabelecido que as escolas escolhidas seriam as de ensino fundamental, pois é nesse nível do ensino que o aluno recebe, na escola, as primeiras noções de respeito e de cidadania e é nesse momento que tem início o ensino permeado pelos temas transversais, tal como proposto nos PCNs. Além disso, porque as escolas do ensino médio são, em sua maioria, voltadas para o Programa de Avaliação Sereada (PAS) da UnB e para o vestibular.

Antes da escolha das escolas nas quais seria desenvolvida a pesquisa, foi feita uma visita a diferentes instituições escolares, porém algumas escolas se recusaram a fazer parte da pesquisa, alegando falta de tempo e de disponibilidade dos professores e até mesmo argumentando que a instituição não permitia trabalhos acadêmicos. Sendo assim, a pesquisa teve que ser adaptada às escolas que nos permitiram realizar o trabalho.

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A primeira escola, que será denominada **Escola Pública I**, localiza-se em Ceilândia. A escola conta com um bom espaço físico interno, com uma biblioteca e com um laboratório de informática onde os alunos podem acessar a *Internet*. É preciso ressaltar que conta com um agravante, que é o excesso de alunos em uma sala de aula, o que fatalmente compromete o processo de transmissão dos professores e a compreensão por parte dos alunos, visto que há uma diferença na capacidade de compreensão entre eles.

Pela análise do diário da professora e de alguns textos complementares trabalhados em sala de aula, pode-se perceber que a professora procura desenvolver, juntamente com seus alunos, uma noção de respeito e preservação do meio ambiente, buscando sempre uma contextualização com a história. Isso é explicitado pela própria professora, quando foi perguntado a ela se costuma debater com seus alunos a questão ambiental, tendo como resposta: “sim, porque considero um dos temas mais importantes da atualidade. É fundamental que os alunos tenham consciência da importância da preservação do meio ambiente”.

Manifestando-se a respeito de se ter ou não uma matéria específica para o tema do meio ambiente a professora mostrou-se contra, pois acredita que essa questão *é muito ampla e pode ser abordada em vários segmentos*. Sendo assim, pelo que ela explicita, os alunos têm acesso a questões relativas aos temas transversais através de textos complementares e de discussões feitas em sala de aula no momento em que se está expondo o conteúdo. Segundo a professora, faz-se assim uma ponte entre os conteúdos que o livro traz e a vivência dos alunos.

Entretanto, isso nos lembra a dificuldade em se introduzir discussões dessa natureza nas escolas. Na II Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), em conjunto com o Ministério do Meio Ambiente,¹³ o MEC anunciou a decisão de descentralizar os recursos destinados à formação de professores em educação ambiental e à produção de material didático, sob a coordenação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad). Essa decisão justifica-se pelo reconhecimento de que os Ministérios, da Educação e do Meio Ambiente, desconhecem os temas

¹³ Essa Conferência, realizada em Luziânia (GO), contou com a participação de mais de 600 estudantes de todo o Brasil.

que são selecionados pelos professores que trabalham com a disciplina Educação Ambiental e reconhecem a necessidade de torná-los efetivamente transversais em todo o ensino escolar.¹⁴

Os objetivos dessa conferência, entre outros, foram incentivar o debate sobre juventude e Meio Ambiente no contexto nacional e deflagrar um processo de ampliação e formação de lideranças ambientalistas.¹⁵ No final do encontro foi entregue um documento para o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, intitulado *Carta das Responsabilidades: vamos cuidar do Brasil*, que expressava a vontade de sensibilizar e mobilizar as pessoas para encarar os grandes desafios socioambientais que a atual geração enfrenta. Enfim, já estão em curso várias propostas de mobilização social em prol de um espaço mais saudável.¹⁶

No momento em que se alardeia a importância da educação ambiental em todos os níveis de ensino, a inserção do meio ambiente nos Temas Transversais tem extrema importância. Porém, ao mesmo tempo, traz à tona problemas que não podem ser ignorados: a inadequada preparação dos professores e a ainda reduzida presença dessa questão nos livros didáticos.¹⁷

A mesma professora que afirmou concordar com a recomendação de se incluir o ambiente de forma transversal em todas as disciplinas, revela utilizar métodos considerados tradicionais e modernos para ministrar as aulas, fazendo assim uma interação entre leituras em voz alta e debates com a interpretação das ilustrações; de vídeos; de cartazes e de jogos. Entretanto, não deixa de mencionar que o tema transversal que trabalha com mais facilidade e frequência é a ética pois, segundo ela, *vivendo em um país em que a corrupção está presente torna-se necessário (sic) discussões neste sentido tentando mostrar aos alunos que a ética é fundamental em todas as nossas ações*. Isso se coaduna com as conclusões expressas no projeto desenvolvido em 2005 sobre a questão ambiental nos livros didáticos, quando detectou-se que, seguindo a orientação dos Temas Transversais, os autores dos livros didáticos de história têm incorporado, de maneira mais enfática,

¹⁴ *Correio Braziliense*, 31 de março de 2006, p. 14.

¹⁵ Disponível em portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pjma.pdf (acessado em 02/08/2006).

¹⁶ Disponível em www.terrazul.m2014.net/article.php3?id_article=378 - 21k (acessado em 02/08/2006).

¹⁷ Em relação dos livros didáticos de história, ver o relatório final da pesquisa PIBIC/UniCEUB, *A temática ambiental em livros didáticos de história do Brasil* (Tayene Resende, sob a orientação de Maria Inês Malta Castro, 2004-2005).

temas como ética e diversidade cultural, reservando um espaço menor à questão ambiental, relegada a outras disciplinas como geografia e ciências.

A segunda escola, que será denominada **Escola Pública II**, localiza-se no Plano Piloto e é custeada pelo governo federal através das forças armadas. Segundo o *site*¹⁸ oficial da escola, ela abriga em suas instalações um efetivo aproximado de 3.100 alunos, distribuídos em cerca de 100 salas de aula, tanto para o ensino fundamental como para o Médio. Ela conta com um bom espaço físico para as realizações de quaisquer atividades, mas o que os alunos mais apreciam é a praça do quiosque, pois lá podem conversar à vontade. A escola também conta como uma boa estrutura interna para a realização das atividades acadêmicas, tais como: uma biblioteca com recursos impressos e áudio-visuais, vários laboratórios, entre eles os de ciências e informática.

A avaliação dos alunos é dividida entre provas e trabalhos que podem ser de uma disciplina específica ou interdisciplinares. Segundo o material pesquisado, o colégio não está só interessado em “treinar” os alunos para as provas, mas sim em propiciar-lhes uma capacidade crítica em relação aos problemas do cotidiano. Segundo o *site*, os objetivos do colégio são os seguintes: proporcionar a formação e o aperfeiçoamento do espírito e do caráter dos alunos; desenvolver nos mesmos as qualidades de uma sadia mentalidade de disciplina consciente e capacidade de pensar; e proporcionar ao aluno o preparo intelectual necessário à continuidade dos estudos em nível superior.

Tendo em mãos o plano de execução de trabalho, podemos constatar que o colégio obedece a uma rígida disciplina para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados pelos professores, tendo os dias para começar e terminar a unidade, o que significa que o professor não pode se estender em um determinado assunto. Logo, percebeu-se uma discrepância entre o que aparece nos documentos e a prática dos professores, pois a escola parece obedecer a um sistema mecanicista de transmitir o conteúdo e não destinando algum tempo para debater temas do cotidiano com os alunos.

Quando foi realizada a pesquisa e aplicados os questionários na escola citada, o professor de história foi muito lacônico em suas respostas, mas deu para notar que, embora tenha um tempo certo para ministrar as aulas, sempre utiliza

¹⁸ www.cmb.ensino.eb.br (acessado em 31/03/2006).

textos complementares nas aulas. Quando perguntado sobre qual tema transversal trabalha com mais facilidade e frequência, o professor falou que mais discute *atualidades, destacando problemas sociais e econômicos*. O que pode ser evidenciado no plano de trabalho da disciplina, pois é visível que o foco central da disciplina é o enfoque político, econômico e social dos períodos estudados.

Mas não deixa de mencionar a relevância de se abordar as questões ambientais, porque, segundo o professor, é *vital para informação e conscientização dos alunos*. E que, para tal, a questão ambiental deveria ser trabalhada por uma disciplina específica pela *importância de conscientizá-los* (os alunos).

Uma das questões que surpreendeu a pesquisa foi quando o professor foi questionado se já tinha lido os PCNs e ou Temas Transversais e qual era sua opinião sobre eles: *Sim. Excelente documento do ensino curricular*. A partir dessa resposta pode-se indagar se os referidos documentos governamentais estão sendo realmente utilizados ou se não passam de um livro encostado em alguma estante, destinado a ficar sem utilidade. Mas avaliando todo o conjunto dos materiais coletados na escola não seria exagero afirmar que a instituição é pouco inovadora no que tange à introdução de novas questões no ensino de história.¹⁹ Levando-se em conta a rigidez e a disciplina que o professor deve seguir ao selecionar seus conteúdos e ministrar suas aulas, certamente fica difícil imaginar que aborda temas relativos ao meio ambiente em história, podendo-se imaginar que fique a cargo de outras disciplinas. O que é diferente da Escola Pública I que, mesmo adotando um currículo escolar semelhante, é flexível para trabalhar os temas propostos e quaisquer outras questões que a professora pensar ser relevante para seus alunos.

A última escola pública, que será denominada **Escola Pública III**, localiza-se no Guará. A instituição é custeada pelo governo do Distrito Federal, oferece aos seus alunos o ensino fundamental, em uma estrutura que tem espaço amplo para os alunos brincarem e uma biblioteca para pesquisarem. Porém a escola não oferece laboratório de informática, com isso em uma pesquisa de assunto mais atual e ou que contenha mais informações não é possível ser realizada na escola.

Ao assistir algumas aulas de história na turma de 6ª série onde a pesquisa foi realizada em virtude do questionário ser aplicado no início do ano letivo, pode-se notar que há uma preocupação do professor em dialogar com seus alunos fazendo

¹⁹ É importante ressaltar que os PCNs e os Temas Transversais foram criados em 1998.

uma ponte entre os conhecimentos já adquiridos por eles e o conteúdo de história. O professor procura sempre fazer um paralelo com o cotidiano dos alunos e as últimas notícias que os telejornais manifestaram, de modo a contextualizá-las com a história desmistificando, assim, alguns temas ainda correntes, haja vista que os meios de comunicação televisíveis são mais acessíveis a eles, pois a maioria não gosta e ou não sabe compreender o que ler, são, como o professor comenta, os analfabetos funcionais.

Em se tratando da habilidade essencial do aluno que é saber lê, escrever e pensar Marcus Vinício Ribeiro comenta que se tem dado pequena importância ao desenvolvimento dessas habilidades que, embora estranhas ao conteúdo específico, no caso a História, são indispensáveis à formação dos alunos e ao próprio aprendizado da matéria, sem as quais o conhecimento se torna frágil e precário²⁰.

A fragmentação do ensino em diversas disciplinas a partir da 5ª série, parece ter deixado a responsabilidade de ensinar ler, escrever e raciocinar com os professores de Língua Portuguesa e Matemática, muitos professores pressupõem também que os alunos já sabem tomar notas, fazer resumos, utilizar sumários, selecionar as informações essenciais ou consultar uma biblioteca. Entretanto tais habilidades não são inatas, requerem a consciência constante dos professores para a sua importância e prática sistemática, como se ensinássemos História e, ao mesmo tempo, formássemos bons leitores, escritores e pensadores. Atitudes simples dos professores em estimularem a leitura fazem com que os alunos sejam cada vez mais aptos a fazerem suas próprias deduções e seus questionamentos à história²¹.

Sendo assim suas aulas são apoiadas no livro didático, fazendo uso de aulas expositivas, leituras coletivas com comentários e discussão dos exercícios. Segundo o professor a leitura é uma, das várias formas, para que o aluno aprenda e goste da disciplina história, pois a maioria não gosta porque não compreende o que está escrito e ou até mesmo por não conseguir fazer uma associação entre os fatos.

Utiliza o modo não decorativo, pois acredita que seus alunos não precisam decorar os fatos, as datas e os nomes, basta que ele entenda o processo como um todo, analisando e criticando as questões correntes. No que diz respeito aos

²⁰ Marcus Vinício Ribeiro, Não basta ensinar História: para uma boa formação, os alunos precisam atender bem o que lêem e saber pensar e escrever, p. 77.

²¹ Idem, p. 77-78.

recursos que ele utiliza para ministrar suas aulas o professor faz uma crítica à escola pública, pois material como mapas e filmes só podem ser usados quando a escola os proporciona. Já que isso nem sempre é feito, as aulas expositivas são predominantes na rede públicas.

Quando questionado se trabalha a questão ambiental o professor disse que: *sim, porque a conservação do meio ambiente está diretamente ligada a qualidade de vida, logo todas as disciplinas devem abordar o meio ambiente dado a relevância da questão*, e não especificamente uma única disciplina. Ressalta também que faz uso em outros temas transversais como a cidadania e a violência, por esses temas fazerem parte da realidade da maioria.

Quando perguntado se já tinha lido os temas transversais e os PCNs o professor afirmou que *sim, mas que a teoria é uma coisa, a prática outra coisa. Os PCNs podem até ter “boas intenções”, mas estão distantes da realidade da sala*. Isso devido o excesso de conteúdo que tem que ser ministrado e a indisponibilidade de alguns recursos, tais como revista, internet, boas bibliotecas e bons laboratórios que as escolas da rede pública não possuem.

José Carlos Barreiro comenta que os Parâmetros Curriculares não dão mais conta de discutir o que é ensinar história em uma sociedade em que, do ponto de vista da densidade e velocidade de informações, dos desafios e experiências possíveis, da multiplicidade e complexidade de linguagem, não é mais aquela de dez anos atrás.²² Sendo assim qualquer discussão ou proposta que se venha a fazer em relação à escola deve levar em consideração a distância que a escola brasileira está da realidade da informação, do conhecimento e das novas propostas pedagógicas.

Segundo o autor, torna-se necessário promover uma grande discussão, envolvendo mais amplamente os professores e a comunidade, para que possamos pensar sob quais aspectos o ensino de história teria de ser renovar para continuar fazendo sentido às novas gerações e ao mundo moderno.²³ Deve-se colocar em pauta, principalmente, as questões que a escola deveria levantar para que a vida do ser humano seja mais duradoura. Deve-se prever um trabalho cujo conhecimento seja construído em função da realidade brasileira, ou seja, a partir da constatação da necessidade de discutir questões presentes no cotidiano dos alunos. Enfim, uma reflexão crítica sobre os fatos, tanto do passado como do presente.

²² Cf. José Carlos Barreiro, Os parâmetros curriculares nacionais e os novos desafios da escola.

²³ Idem, p. 584.

Para Ana Maria Monteiro num mundo onde os meios de comunicação acentuam a importância do tempo presente, em que o “aqui” e o “agora” parecem ocupar todas as atenções e o antigo é qualificado como velho e descartável, o estudo da história torna-se difícil, desafiador e, para muitos desnecessários.²⁴ Têm sido tomadas algumas providências para enfrentar esse desafio. Os programas curriculares estão sendo articulados a novos conteúdos, supostamente de interesse dos alunos. Mas, por outro lado, pode-se diagnosticar que os professores estão despreparados e desmotivados para o exercício de sua profissão, o que acentua ainda mais a crise e as dificuldades pelas quais a educação brasileira está passando.

A primeira escola particular, que será denominada **Escola Particular I**, localiza-se no Plano Piloto. A instituição oferece o ensino fundamental e médio, mas para a pesquisa só foi requisitado os alunos do ensino fundamental, em especial os da 5ª série.

O projeto pedagógico da escola está norteado por um trabalho conjunto, no qual todos os envolvidos possam desempenhar o seu exercício com base em metodologias participativas e contextualizadas, sendo o professor um catalisador no processo. Sendo assim, pode-se notar que a escola preza pela interdisciplinaridade e considera as experiências, o cotidiano e a bagagem sócio-cultural como fatores importantes no processo ensino-aprendizagem do aluno, *desenvolvendo a capacidade de aprender, tendo como meios o domínio da leitura, escrita, do cálculo, a aquisição de conhecimentos e habilidades, a formação de atitudes e valores, a promoção do desenvolvimento crítico e da autonomia por meio da contextualização da realidade em que o aluno está inserido.*²⁵

Segundo o Projeto Pedagógico dessa escola, os temas transversais serão desenvolvidos ao longo do ano através de projetos que envolverão todas as disciplinas, um projeto inclui a perspectiva da interdisciplinaridade. O que a professora de história confirma, afirmando que: *a questão ambiental é responsabilidade de todas as áreas.* Mas não deixa de mencionar que geralmente essa questão é trabalhada em ciências e geografia, ressaltando que não vê a necessidade dela ser trabalhada somente nessas disciplinas.

²⁴ Ana Maria Monteiro, Os professores de história ainda são necessários? Preconceitos contra o passado e ma compreensão do trabalho docente prejudicam o ensino, p. 85-86.

²⁵ Projeto Pedagógico da Escola Particular I.

Quando foi perguntada a forma com que trabalha o livro didático e a maneira como ministra as aulas, a professora foi categórica ao afirmar que apenas utiliza o livro como instrumento auxiliar, só para que o aluno tenha um referencial, isso porque, segundo ela, *vivemos na era da informatização, não dá pra ficarmos só no quadro e giz*. O que é evidenciado quando vemos em seu plano de aula que ela usa diversos recursos nas aulas, tais como: textos complementares, textos literários e material audiovisual. Promove, ainda, discussões e debates e valoriza a visão e opinião de cada aluno sobre determinado conteúdo. É possível notar essa atitude ao ler a prova elaborada, pois em diversas questões ela pede que o aluno explique com as suas palavras, podendo assim qualquer método “decorreba” que poderia ser desenvolvido pelo discente antes de ser avaliado.

Salienta ainda que o aluno é um agente de sua própria história e do mundo. Essa atitude da professora está condizente com os objetivos centrais do ensino de história, que a escola segue, pois a instituição se baseia na formação da consciência de cidadania, de modo a levar o aluno, através da incorporação de atitudes, valores e comportamentos, a adquirir capacidade de inserção clara e consciente de sua realidade.

Quando foi questionada sobre qual tema transversal trabalha com mais facilidade e freqüência, a professora, afirmou que para ela não há um tema específico, que depende do momento e do conteúdo, acha os temas e os PCNs interessante e já os leu, mas, segundo ela, para que realmente eles sejam bem trabalhados é necessário reduzir os conteúdos, pois é quase impossível administrar os conteúdos mais os temas transversais.

Mesmo com essa “preocupação” de ministrar todos os conteúdos programados para o ano letivo, a escola traz consigo a idéia de um currículo em movimento, pois segundo a professora, em uma educação crítica fica cada vez mais difícil considerar o currículo educacional como algo fixo, predeterminado, imóvel. Traz em si a idéia da transversalidade, girando em torno das relações de interação, de pessoas em processo de autoconstrução.

A segunda escola particular, que será denominada, **Escola Particular II**, localiza-se em Águas Claras e oferece o ensino infantil, fundamental e médio. A instituição conta com um amplo espaço para atividades esportivas, laboratórios, biblioteca e uma área florestal onde os alunos podem fazer trilhas ecológicas.

A proposta pedagógica da escola é fundamentada na premissa de que a interação social e a atividade mental construída ao longo dos anos por parte dos alunos são de fundamental importância na aquisição do saber. Assim, o aprender não é visto como algo externo ao indivíduo ou exclusivamente interno. É algo que se constrói a partir de referências históricas e sociais, interferindo neste processo fatores culturais e psicológicos.

O documento também revela que as questões sociais (ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural) são tratadas pela escola de forma transversal, isto é, perpassam todo o conteúdo em todas as séries. Assim a escola, em seu projeto político-pedagógico, revela ter uma preocupação de educar seus alunos de forma a propiciar-lhes uma educação votada à realidade e ao cotidiano. Considera como missão a educação das crianças e jovens, dedicando-se à sua formação integral e integradora. Para tanto, tem com o aluno o compromisso de auxiliá-lo no seu processo de construção do conhecimento e da sua vida.

Pelo fato de que o questionário, para essa escola, ter sido aplicado no início do ano letivo, e percebendo que os alunos da 5ª série ainda estavam bastante vinculados ao ensino infantil, optou-se aplicar as perguntas para os alunos da 6ª série, pois esses ainda eram praticamente da série anterior, haja vista que as perguntas foram feitas nas primeiras aulas.

Nesta escola particular, o professor de história utiliza em suas aulas sempre algum recurso lúdico como: mapas, transparências, filmes e data show, tentando assim chamar a atenção dos alunos para o conteúdo, fazendo com que a disciplina história fique mais perceptível aos olhos de qualquer estudante do ensino fundamental, principalmente daqueles que estão começando.

Assistindo suas aulas, notou-se que existe uma grande preocupação, por parte do professor, em fazer uma ligação entre a matéria estudada com o cotidiano dos alunos, sendo assim, ele trabalha com mais frequência e facilidade os temas da atualidade. Entretanto, quando foi perguntado a ele se trabalhava a questão ambiental em suas aulas, pois esse é um tema constante na atualidade, o professor disse que não trabalha a questão porque cabe à geografia discuti-la.

Desse modo, revela sua concepção de que a questão ambiental deveria ser trabalhada por uma matéria específica, considerando que quem trabalhasse com o tema teria mais conhecimento e estaria mais habilitado a fazê-lo. Mas não deixa de mencionar que os temas transversais e os PCNs *fazem com que a matéria fique*

mais interessante, pois a abordagem desses temas reforça a importância de se estudar a história.

A última escola particular a ser visitada, que será denominada **Escola Particular III**, localiza-se na Ceilândia. Tendo o mesmo problema da **Escola Particular II**, isto é os questionários foram aplicados no início de ano letivo, optou-se, assim como na outra escola, por aplicar os questionários para a 6ª série, por saber que os alunos já possuíam certa noção do que é história e quais os conceitos que ela propõe estudar, além de possuírem uma noção geral das propostas das outras disciplinas a serem estudadas.

A escola dispõe de uma boa infra-estrutura para atender com qualidade seus alunos, como salas de aula amplas e arejadas, biblioteca com Internet, auditório para 250 pessoas, quadra poli-esportiva, academia de ginástica com piscina aquecida e laboratório de informática para a utilização de seus alunos.²⁶

O colégio, em sua proposta pedagógica, visa à formação básica do aluno para o pleno exercício da cidadania e do saber, além de promover a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores socioculturais. Sendo assim as atividades são dirigidas à colaboração, complementaridade e integração entre os conteúdos das diversas áreas da Ciência. Dessa forma, são inseridos os temas transversais, que têm a finalidade nortear o comportamento ético, moral, político e social do ser humano, de acordo com suas habilidades e competências e conforme o contexto da realidade em que o aluno está inserido. No final do processo a escola espera que o aluno possua, entre outras competências, a expressão adequada à descrição ambiental, reconhecendo nela sua importância e a necessidade de se preservar o ambiente em que vivemos.

A escola busca adequar a realidade de seus alunos com o conteúdo a ser ministrado pelos professores. Em especial, o professor de história, reconhece a importância dos temas transversais, pois segundo ele *podem possibilitar uma abordagem mais completa a cerca do tema trabalhado, e se o tema da aula for pertinente pode ser debatido*. Quando questionado se a questão ambiental deveria ser ministrada por alguma disciplina específica o professor alertou que a disciplina que mais trabalha a questão é Ciências, mas disse que o tema deve ser trabalhado por todas já que deve ser transversal.

²⁶ sobre os dados ver: www.ad1.br

Revelou, também, que o tema que mais desenvolve em suas aulas é a ética, fazendo o uso freqüente da Internet, de aulas expositivas e do livro didático. Esse último é, de acordo com o professor, usado apenas para que o aluno tenha referências sobre o conteúdo, pois considera o livro um *bom instrumento de trabalho, mas no cotidiano escolar deve-se buscar outros instrumentos*.

Pode-se notar que é corrente entre os professores fazerem uso de outros recursos didáticos em sala de aula para atraírem a atenção dos alunos, Selva Guimarães Fonseca comenta que diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores de história na atualidade. Superar a relação de submissão e não ceder à sedução exclusiva do livro didático requer uma postura crítica diante do conteúdo veiculado.²⁷

3.1. RESPOSTAS DOS ALUNOS

A pesquisa de campo foi realizada por meio de questionários aplicados aos alunos do ensino fundamental, privilegiando-se os das 5ª séries, quando os questionários foram aplicados no final do ano letivo de 2005, e os das 6ª séries, quando aplicados no início do ano de 2006. A pesquisa foi realizada em escolas da rede pública em Ceilândia, Brasília e Guará e em Brasília, Águas Claras e Ceilândia em escolas particulares.

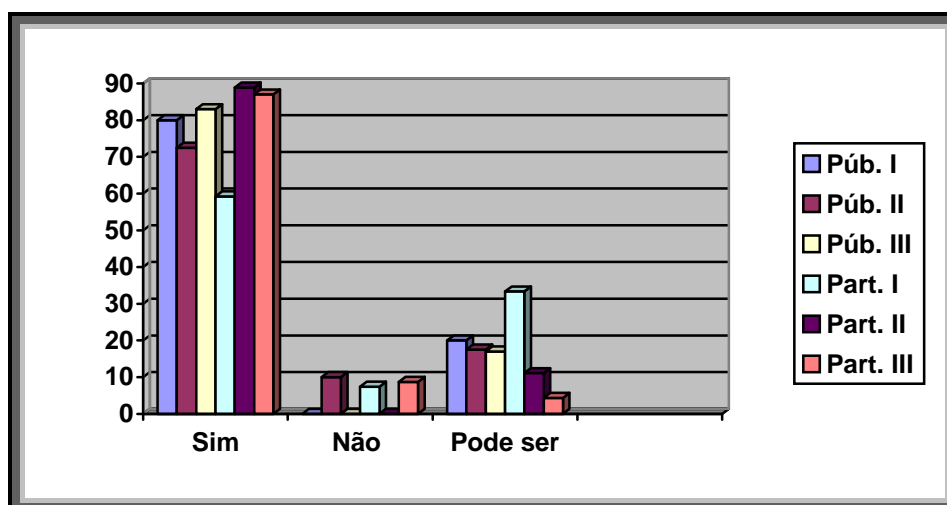
Os questionários eram distribuídos para uma turma de cada escola, sendo assim a quantidade variava entre 25 a 30 questionários. Os resultados obtidos a partir da análise das respostas podem ser visualizados a seguir.

SOBRE A PRIMEIRA QUESTÃO

Você acha que a proteção da natureza é um assunto que deveria ser mais trabalhado pelos professores? Para essa pergunta foram oferecidas as seguintes respostas: Sim, pois a partir do nosso conhecimento sobre o assunto, começaríamos a preservar melhor o ambiente; Não, esse assunto não tem nada a ver com os conteúdos que estudamos; E pode ser, mas ainda não pensei sobre esse assunto.

²⁷ Selva Guimarães Fonseca, Didática e prática de ensino de história, p. 56.

Foram coletadas as seguintes respostas:



É possível verificar que os próprios alunos, independentes da escola onde estudam, reconhecem a importância de se estudar a questão ambiental. Sabendo que os professores levam para dentro da sala de aula as últimas notícias correntes, é perceptível que o meio ambiente está cada vez mais presente nas discussões, pois as catástrofes ambientais estão, frequentemente, nos noticiários. O fato é que cada vez mais os alunos estão percebendo que a questão ambiental é um fator decisivo para a permanência dos homens na terra, cada vez mais dependentes das relações estabelecidas entre os homens e a natureza, tanto na dimensão coletiva quanto na individual. Sendo assim, sua preservação é essencial para que isso aconteça.

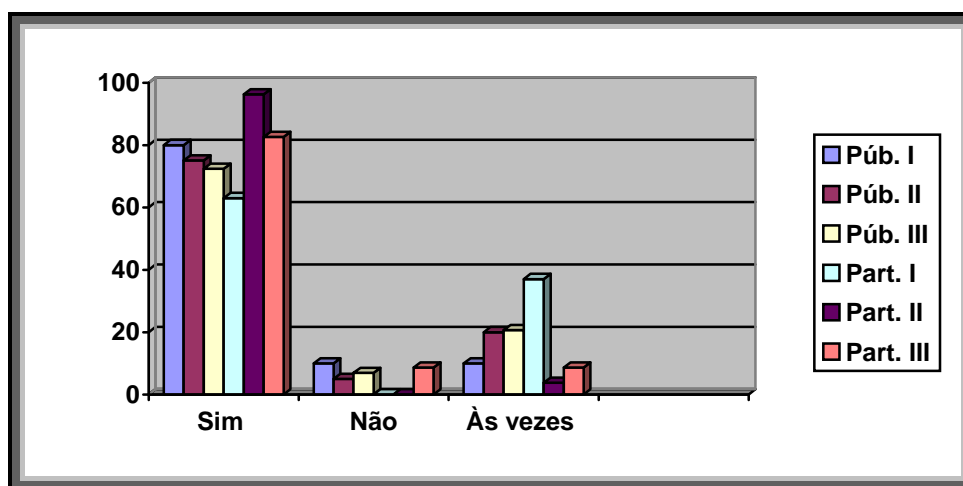
E certamente após a conclusão do ensino fundamental os alunos serão capazes de perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural, passando, assim, a adotar posturas de respeito e proteção aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural.²⁸

²⁸ Secretaria de Educação Fundamental, op. cit.

SOBRE A SEGUNDA QUESTÃO

Você gostou ou gosta de estudar o meio ambiente? Sendo que as opções de resposta eram: sim, não e às vezes, ressaltando-se que o aluno deveria justificar sua resposta.

Foram obtidos os seguintes resultados:



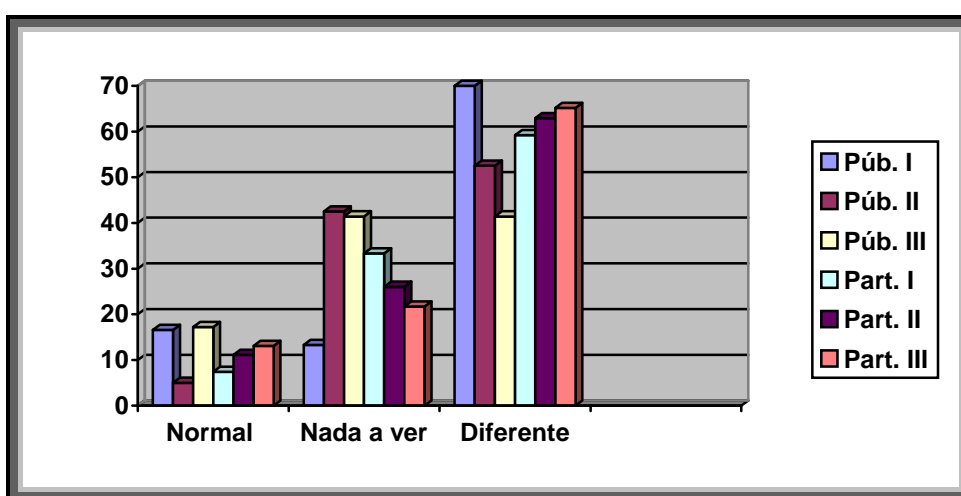
Visto que na primeira questão o resultado obtido foi majoritariamente positivo (relativo à importância de se estudar o meio ambiente), esperava-se mesmo que, nesta segunda questão, a maioria dos estudantes iria optar pelo sim como resposta. Grande parte dos alunos respondeu que gosta de estudar o meio ambiente porque “eu gosto da natureza, de aprender coisas novas”, “retratamos o que aconteceu com o meio ambiente brasileiro”, “todos nós temos que preservar o ambiente” e “é bom dar uma modificada na rotina”. Com essas respostas se pode ter uma visão clara de que, embora não todos, os alunos pensam a questão ambiental como matéria essencial nos currículos escolares, mostrando-se dispostos a discutir o tema nas aulas.

Os que responderam **não** ou **às vezes** alegaram que “é muito chato” ou “não gosto muito”, mas é importante se observar que o não como resposta foi quase insignificante quando analisamos as respostas em seu todo. Sendo assim, pode-se perceber que a questão ambiental está sendo uma questão discutida e apreciada por uma parcela relevante de alunos, independente da disciplina na qual ela é inserida. Isso pode ser observado na questão a seguir.

SOBRE A TERCEIRA QUESTÃO

A terceira pergunta tinha como objetivo saber se a questão ambiental era realmente abordada pelo professor(a) de história, se realmente as respostas recebidas pelos mesmos correspondiam à realidade da sala de aula. Perguntou-se o que o aluno acharia se o professor de História trabalhasse o meio ambiente. Dando como alternativa de resposta: Normal; Nada a ver com a matéria; E diferente, mas seria bom, pois teríamos uma outra visão sobre o tema.

Obeve-se o seguinte resultado:



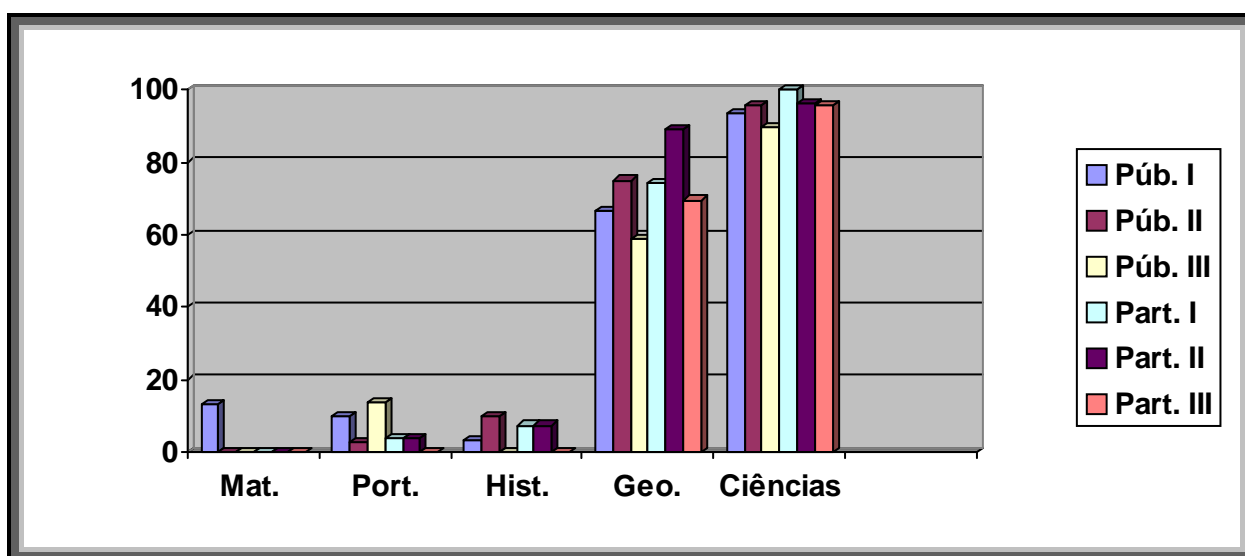
Percebe-se que a questão ambiental não está sendo inserida em todas as disciplinas, tal como idealizava o Ministério da Educação ao publicar os Temas Transversais. Podemos nos remeter à resposta do professor da Escola Pública III, quando falou que os PCNs revelaram a boa intenção de integrar todas as disciplinas em volta dos temas transversais, mas que a vivência de sala de aula era outra, até porque é distinta a formação dos diversos professores de história, uns pensam que é irrelevante discutir a questão, como é o caso do professor da Escola Particular II, outros, a maioria, ao contrário, pensam que é importante visto que é um assunto atual e com interferência direta do ser humano.

Embora alguns professores pensem que é irrelevante a discussão de temas ambientais, o que importa é que grande parte dos alunos considera que a questão deveria ser discutida pela disciplina, o que revela que a história tem para esses alunos uma grande importância quanto à formação de opinião sobre a permanência futura da humanidade, cada vez mais dependente das relações estabelecidas entre os homens e a natureza.

SOBRE A QUARTA QUESTÃO

O objetivo da quarta questão foi saber qual era a disciplina em que os alunos mais discutiam as questões ambientais. Nessa questão, havia uma relação de todas as disciplinas oferecidas pelas escolas no ensino fundamental: Matemática; Português; História; Geografia; e Ciências.

Foi coletado o seguinte dado:



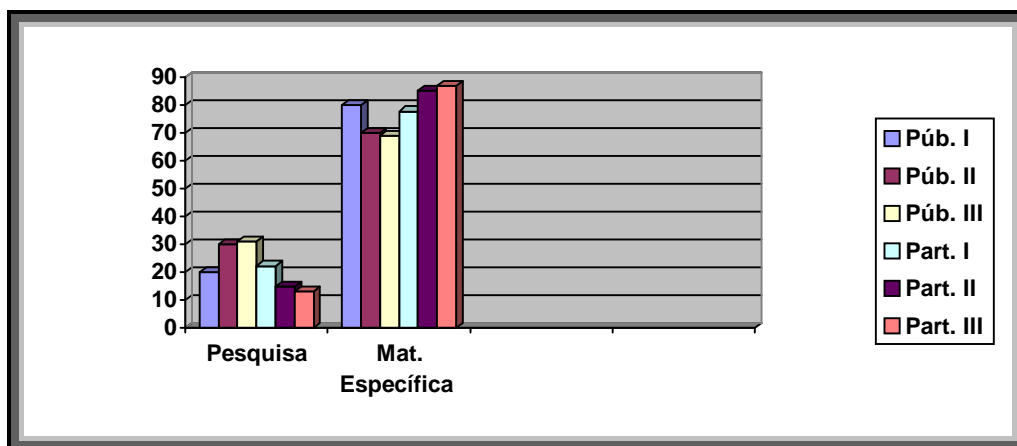
Percebe-se, a partir desses dados, que as escolas selecionadas não trabalham a questão ambiental de forma a discuti-la em todas as disciplinas e, em especial, na história. A questão foi relegada a outras matérias, que segundo alguns professores, a consideram mais adequada para debatê-la.

De certa forma os dados não surpreendem muito porque a pesquisa anterior revelou que os livros didáticos, principal suporte dos professores em sala de aula, não trazem esse tema explicitamente, mas sim um ou outro comentário a esse respeito. Os livros, assim como a maior parte das questões levantadas em sala de aula se referem a temas como ética e diversidade cultural, reservando um espaço menor à questão ambiental, que é relegada a outras disciplinas como geografia e ciências, como mostram os dados acima.

SOBRE A QUINTA QUESTÃO

A penúltima questão teve como objetivo saber como os alunos gostariam de trabalhar a natureza, para tanto foram oferecidas as seguintes alternativas: fazendo pesquisas em livros, revistas e/ou jornais; ou tendo uma matéria específica.

Os resultados obtidos foram os seguintes:



Pode-se notar que, recaindo a preferência dos alunos sobre se ter uma disciplina específica para a questão ambiental, os discentes estão “cansados” de ver as matérias em sua abstração, isto é só no lápis e papel, e que seria, segundo os mesmos, mais acessível o conhecimento via parte concreta.

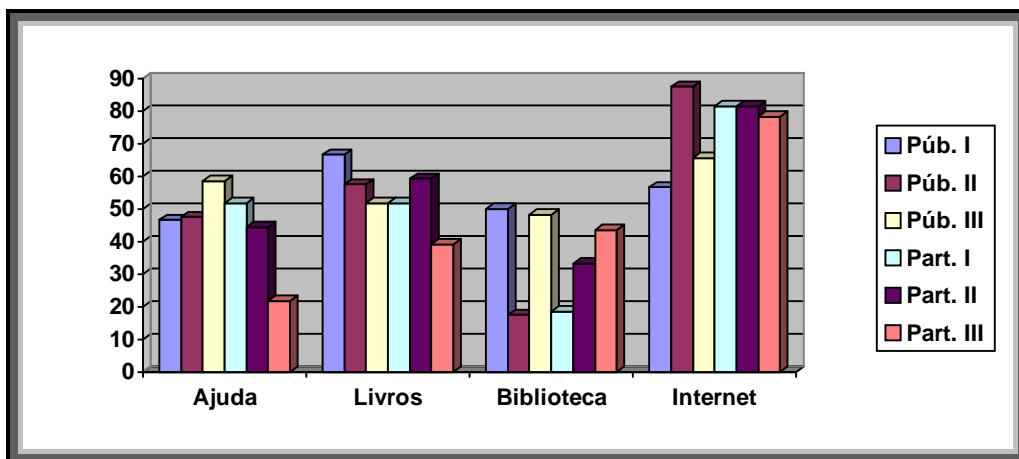
Mas ao mesmo tempo o material didático continua tendo a sua relevância para os alunos, como pode ser visto no gráfico acima, pois permanece a idéia de que o conhecimento teórico está relacionado como o conhecimento empírico, o que de maneira alguma é prejudicial, visto que os conhecimentos e as descobertas se iniciam com a teoria.

SOBRE A SEXTA QUESTÃO

A última questão teve como interesse saber como os alunos das deferentes escolas estão elaborando os seus trabalhos escolares, quais os recursos que eles comumente usam. Foram oferecidas as seguintes alternativas, podendo o aluno marcar mais de uma: com a ajuda dos pais e ou de parentes; uso os materiais

(livros e cadernos); pesquisas no acervo da biblioteca; e utilizando a Internet como fonte de pesquisa.

Foram recolhidos os seguintes dados:



Pode-se perceber que a Internet está tomando o lugar na preferência dos alunos, até porque esse recurso se tornou mais “cômodo” para grande parte dos estudantes, independente se o aluno tem ou não computador em casa, pois a maioria das instituições de ensino, sejam elas públicas ou particulares, já oferecem aos seus alunos laboratórios de informática. Entretanto, ainda pode-se visualizar, pela pesquisa feita, que os recursos didáticos que o aluno possui são importantes na hora de se realizar uma pesquisa. Portanto, se o livro didático não aborda as questões ambientais de forma clara, fica difícil para o aluno compreender e aceitar que em qualquer disciplina essas questões podem ser discutidas, e não somente em geografia e ciências, como ficou claro na pesquisa.

Mesmo os docentes trabalhando textos complementares, como foi dito por vários professores, fica complicado um professor de história aceitar e discutir temas relativos ao meio ambiente, visto que o método que orienta as suas aulas não acompanha as discussões. É importante salientar que grande parte dos recursos didáticos utilizados pelos professores foram, na pesquisa anterior, analisados, quando se pôde verificar que os temas transversais que mais privilegiam são a diversidade cultural e ética.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após aplicar os questionários, observado algumas aulas e ter acesso aos documentos que norteiam o ensino nas escolas escolhidas, pôde-se notar que os professores de história, embora respeitem a bagagem sócio-cultural dos alunos e façam uso freqüente dos temas da atualidade, não fazem grandes esforços para inserir em suas aulas e procedimentos discussões sobre o tema meio ambiente.

Uma observação inicial aponta para o fato de que é nas escolas públicas, nas quais os professores desfrutam de uma “certa liberdade”, que se dá a maior inserção do tema ambiental na disciplina história. Porém, mesmo isso não acontece em todas as escolas, como se pode ver pelo caso da Escola Pública II, onde os professores não discutem esse tema por estarem bastante preocupados em seguir a organização dos conteúdos e o cronograma estabelecido pela direção. Ainda há o problema de, em alguns casos, adotarem uma visão de história na qual se enfatizam, no caso da história do Brasil, os ciclos econômicos.

O meio ambiente é, quase que completamente, relegado a outras disciplinas como ciências e geografia, o que de maneira alguma surpreende a pesquisa, pois já havia sido constatado que os livros didáticos também manifestam esse tipo de problema. Em geral, variam quanto à incorporação de temas ambientais em seus conteúdos, pois em alguns livros essas questões são deixadas de lado e a história surge sem qualquer relação com o ambiente natural. Outros, mesmo que de forma pontual, já inserem em seus livros questões relativas ao meio ambiente.

Os professores de história, da rede particular ou da pública, ainda trabalham a questão ambiental ressaltando os efeitos negativos de práticas assumidas ao longo da história e relacionando-as diretamente com problemas contemporâneos. Por vezes, expressam uma concepção evolucionista da história, como se todas as ações humanas para o incremento de formas de exploração e extração de produtos naturais contribuíssem para a modernização do país.

Pode-se perceber que o ensino da história ainda é ministrado de forma a ressaltar os ciclos econômicos e políticos no curso histórico e o que o Ministério da Educação propôs implantar quando publicou os temas transversais foi alterar essa noção e instituir um estudo no qual se fizesse presente a perspectiva interdisciplinar, com variados enfoques temáticos. O que fatalmente irá demorar a se concretizar,

porque os professores, em sua maioria, não acompanham os estudos e as pesquisas sobre a temática da história ambiental para aplicar em sala de aula, muitas vezes por acreditarem que esse tema cabe a outras disciplinas.

Barreiro comenta que a deficiência do professor é uma realidade que não se pode ignorar, o que pode ser explicado pela ausência de, entre outros fatores, investimentos, políticas de avaliação e de gerenciamento na educação. O autor sugere algumas medidas que podem ser tomadas para que a escola brasileira não se deteriore mais do que já está. Em relação aos professores que já estão no mercado de trabalho, o caminho mais sensato, segundo ele, é o da definição de uma política nacional, voltada para um trabalho voltado para complementar a formação dos professores naquilo que é fundamental para que ele se transforme num profissional autônomo, capaz de definir livremente seu conteúdo e suas estratégias de ensino.

Em relação aos futuros professores, o problema a ser discutido é o tipo de trabalho que as universidades estão desenvolvendo tendo como objetivo a formação de professores. Existe, ainda, um pensamento equivocado de que aos professores das disciplinas específicas cabe ensinar o conteúdo e aos professores das disciplinas pedagógicas cabe cuidar da licenciatura e de todos os aspectos vinculados à formação do professor. Quando a universidade assumir inteiramente a sua destinação histórica, que é também de formar professores, haverá uma melhor formação dos alunos.²⁹

Os Temas Transversais estão repercutindo de forma reduzida nos cursos de graduação em história. Estas limitações decorrentes da própria formação básica do professor incidem tanto no seu desenvolvimento dentro da sala de aula como na produção de material didático para o ensino. Por outro lado esses temas precisam ser do domínio dos professores que atuam diretamente no ensino fundamental e no médio, o que implica uma conexão próxima e permanente entre o ensino de história, a pesquisa e discussões historiográficas dentro das universidades.³⁰

Torna-se, portanto, urgente e essencial desenvolver uma agenda de prioridades a serem implantadas no trabalho de formação dos professores de história, rompendo com relativo isolamento das discussões sobre o tema meio ambiente no espaço universitário. Para tanto foram pensadas algumas medidas,

²⁹ José Carlos Barreiro, op. cit., p. 585-586.

³⁰ Cf. Hebe Maria Mattos, O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil. p. 134.

como por exemplo: desenvolver condições para uma abordagem da história ambiental no mesmo nível de profundidade com que se estudam outras questões; historicizar o processo de mudanças no meio ambiente, em suas relações com o desenvolvimento do próprio ser humano; incorporar, na formação de professores, a historiografia e discussões mais recentes sobre o tema meio ambiente, considerando o tema e suas implicações em todos os aspectos sociais, econômicos e políticos; por fim, incorporar, de forma vigorosa, na formação de professores do ensino fundamental e médio, as novas pesquisas acadêmicas nessa área, através de políticas de atualização para os professores. Nesta perspectiva, o eixo transversal Meio Ambiente será mais trabalhado e com mais conhecimento de causa pelos professores de história.

As atividades previstas e os objetivos mencionados no projeto de Maria Inês Malta Castro foram atingidas de acordo com o cronograma por ela estabelecida. Sendo assim, as metas de trabalho pensadas para minha atividade como bolsista do PIBIC/UniCEUB foram alcançadas.

5. FONTES

Diários de classe
Planos de ensino dos professores
Projetos pedagógicos das escolas
Provas e Trabalhos
Questionários
Observações

Sites:

www.ad1.br; www.cmb.ensino.eb.br; www.lasalle.com.br

portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pjma.pdf

www.terrazul.m2014.net/article.php3?id_article=378 - 21k

www.cmb.ensino.eb.br (acessado em 31/03/2006).

www.ad1.br

Jornal:

Correio Braziliense. Brasília, 31 de março de 2006.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BARREIRO, J.C. Os PCNs e os novos desafios da escola. *Revista Brasileira de História*. História e Cidadania. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1998, p. 583-586.

BITTENCOURT, Circe M.F. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. O cerrado nos livros didáticos de geografia e ciências. *Ciência Hoje*, vol. 32, n. 192, 2003,

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – História*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais*, Brasília: MEC/ SEF, 1998.

FONSECA, Selva G. *Didática e prática de ensino de história*. Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 38, 1999. p. 125-138

LUDKE, Meuzza. *Pesquisas em educação*. Abordagens qualitativas. São Paulo: EPV, 1986.

LUPORINI, Teresa Jussara. Permanências e mudanças nas propostas curriculares para o ensino de história. *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. História: fronteiras*. SP: Humanitas/USP; ANPUH, 1999.

MATTOS, Hebe Maria. O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: Marta Abreu e Rachel Soihet. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa de Palavra, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria. Os professores de história ainda são necessários? Preconceitos contra o passado e má compreensão do trabalho docente prejudicam o ensino. *Nossa História*, vol. 5, n. 5, março, 2004.

REIS, C. E. dos. Ensino de história e pulverização da história enquanto conhecimento construído. *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. História: fronteiras*. SP: Humanitas/USP; ANPUH, 1999.

RIBEIRO, Marcus Vinício Ribeiro, Não basta ensinar História: para uma boa formação, os alunos precisam atender bem o que lêem e saber pensar e escrever. *Nossa História*, v. 6, n. 6, abril, 2004.

SILVA, Marcos A. da (org.). *Repensando a História*. ANPUH/Núcleo de São Paulo, Ed. Marco Zero.

SILVA, Marcos Antônio. Parâmetros para quem? Sobre outras histórias. *Revista Brasileira de História. História e Cidadania*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1998, p. 587-597.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Os currículos e as novas fronteiras da História. *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. História: fronteiras*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; ANPUH, 1999.

7. Anexos

Questionário para os Professores

- 1- De que maneira você trabalha o livro didático de História?
 - a) Deixando os alunos lerem o capítulo e em seguida responderem o questionário.
 - b) Contextualizando com a vivência e realidade do aluno.
 - c) Fazendo ganchos entre os conteúdos estudados e ao temas transversais.

- 2- Você costuma debater com seus alunos a questão ambiental?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Às vezes

- 3- Se a questão anterior for negativa ou às vezes, quais os motivos que leva você não discutir as questões ambientais?
 - a) Por não saber como contextualizá-las com a história.
 - b) Por falta de conhecimento sobre a questão.
 - c) Por pensar que a história não contempla o meio ambiente.
 - d) Por que a questão ambiental é objeto de estudo de Ciências.

- 4- Qual o Tema Transversal que você trabalha com mais facilidade e frequência entre seus alunos?
 - a) Ética
 - b) Pluralidade cultural
 - c) Saúde
 - d) Orientação sexual
 - e) Meio ambiente
 - f) Trabalho e consumo

- 5- Você acha que a questão ambiental deve ser trabalhada por alguma disciplina específica?
 - a) Sim, o meio ambiente é mais bem entendido e debatido em ciências e geografia.
 - b) Não, pode ser debatido por qualquer disciplina, inclusive na história.
 - c) Ainda não tinha pensado no assunto.

- 6- Qual é o critério que você e /ou a escola seleciona o livro didático a ser trabalhado com os alunos?
 - a) Livros que estão de acordo com os PCNs e que trazem textos diversificados.
 - b) Livros que são didaticamente bons para a compreensão dos alunos.

- 7- De que maneira você ministra suas aulas?
 - a) Direcionado para os testes que algumas escolas particulares ou militares realizam para a inserção dos alunos na instituição.

- b) Tanto direcionado para qualquer tipo de teste como para o questionamento de temas relacionados ao cotidiano do aluno.

8- Você utiliza algum recurso em suas aulas?

- a) Sim, quais_____.
- b) Não, por que?_____.

Questionário para os alunos

1- Você acha que a proteção da natureza deveria ser melhor trabalhado pelos professores?

- a) Sim, pois a partir do nosso conhecimento sobre o assunto, começaríamos a preservar melhor o ambiente.
- b) Não, esse assunto não tem nada a ver com os conteúdos que estudamos.
- c) Pode ser, ainda não tinha pensado sobre o assunto.

2- Você gostou ou gosta de estudar o meio ambiente?

- a) Sim, por que?_____.
- b) Não, por que?_____.
- c) Às vezes, por que?_____.

3- O que você acharia se seu professor(a) de História trabalhasse o meio ambiente?

- a) Normal.
- b) Nada a ver com a disciplina.
- c) Diferente, mas seria bom, pois teríamos uma outra visão sobre o tema.

4- Em qual matéria você estudou ou estuda a natureza (pode marcar mais de uma opção)?

- a) Matemática.
- b) Português.
- c) História.
- d) Geografia.
- e) Ciências.

5- Como você gostaria de trabalhar a natureza?

- a) Fazendo pesquisas em livros, revistas e/ou jornais.
- b) Tendo uma matéria específica que nos ensinasse a cultivar plantas, pois assim aprenderíamos com a prática a preservar o meio ambiente.